

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
JULIANA CRISTINA ZANOLLA

PARQUE CULTURAL: UM NOVO CONCEITO DE MUSEU PARA A
CIDADE DE CASCAVEL/PR

CASCAVEL
2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
JULIANA CRISTINA ZANOLLA

**PARQUE CULTURAL: UM NOVO CONCEITO DE MUSEU PARA A
CIDADE DE CASCAVEL/PR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Orientador: Prof. Moacir José Dalmina Junior

CASCAVEL

2017

FACULDADE ASSIS GURGACZ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

JULIANA CRISTINA ZANOLLA

**PARQUE CULTURAL: UM NOVO CONCEITO DE MUSEU PARA A CIDADE
DE CASCAVEL/PR**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAG, como requisito básico para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professor Arquiteto Moacir José Dalmina Junior

BANCA EXAMINADORA

Arquiteto Orientador

Faculdade Assis Gurgacz

Professor Arquiteto Moacir José Dalmina Junior

Arquiteto Avaliador

Faculdade Assis Gurgacz

Professor Arquiteto Mestre Cezar Rabel

Cascavel, maio de 2017

RESUMO

O corrente trabalho, apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, conta com objetivo em pesquisar teorias relacionadas a cultura e história existentes na cidade de Cascavel/PR, o qual tem grande impacto no desenvolvimento local e regional da cidade. As teorias estudadas serão utilizadas na elaboração do projeto de um Parque Cultural com Museu, o qual será proposto um espaço que contará com atrativos culturais, além do museu, praça, locais de lazer para a sociedade, resgatando a história e cultura da cidade e da região. Conta em primeiro momento com o resgate dos pilares estudados no decorrer do curso, relacionando-os com o presente trabalho. Também contará com o estudo de correlatos os quais trazem grande compreensão a inicialização metodológica na produção do programa de necessidades para o projeto em questão.

Palavras chave: Cultura, História, Parque Cultural, Museu, Praça, Lazer

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Museu Nacional do Rio de Janeiro	25
Figura 2 – Museu da Arte de São Paulo.....	26
Figura 3 – Parque Cultural em Caravaca	30
Figura 4 – Mapa da Região Oeste do Paraná	31
Figura 5 – Emancipação de Cascavel	32
Figura 6 – Extração da Madeira em 1938	32
Figura 7 – Museu Do Corpo Humano.....	34
Figura 8 – Formas do Museu do Corpo Humano	35
Figura 9 – Aspectos Tecnológicos do Museu do Corpo Humano	35
Figura 10 – Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet.....	36
Figura 11 – Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet.....	36
Figura 12 – Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet.....	37
Figura 13 – Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet.....	37
Figura 14 – Museu The Broad.....	38
Figura 15 – Museu The Broad.....	39
Figura 16 – Museu The Broad.....	39
Figura 17 – Museu The Broad	40
Figura 18 – Colinas Científicas da Komatsu	41
Figura 19 – Colinas Científicas da Komatsu	41
Figura 20 – Colinas Científicas da Komatsu	42
Figura 21 – Terreno	43
Figura 22 – Terreno	43
Figura 23 – Terreno	43
Figura 24 – Imagem real do terreno.....	44
Figura 25 – Imagem real do terreno.....	44
Figura 26 – Imagem real do terreno.....	44

Figura 27 – Leis Terreno 01	45
Figura 28 – Leis Terreno 01	46
Figura 29 – Leis Terreno 02	47
Figura 30 – Leis Terreno 02	48
Figura 31 – Pedra batendo na água.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 ASSUNTO/TEMA.....	9
1.2 JUSTIFICATIVA	9
1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	10
1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE.....	10
1.5 OBJETIVOS.....	10
1.5.1 Objetivo Geral	10
1.5.2 Objetivos Específicos.....	11
1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLOGICO	11
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	12
2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS	12
2.2 METODOLOGIAS DE PROJETOS	15
2.3 METODOLOGIAS DE URBANISMO E PLANEJAMENTO	18
2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	20
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	24
3.1 MUSEU.....	24
3.1.1 Iluminação de Museus.....	27
3.1.2 Museus - Clima.....	27
3.1.3 Espaço para Exposições	28
3.2 PARQUE CULTURAL	29
3.3 CASCAVEL	30
4 CORRELATOS E DIRETRIZES	34
4.1 MUSEU DO CORPO HUMANO	34
4.1.1 Aspectos Formais.....	34
4.1.2 Aspectos Tecnológico	35

4.2 PROJETO DE MUSEU PARE RELOJOARIA AUDEMARS PIGUET.	36
4.2.1 Aspectos Formais.....	36
4.2.2 Aspectos Tecnológico	37
4.3 MUSEU THE BROAD	38
4.3.1 Aspectos Funcionais	38
4.3.2 Aspectos Tecnológico	40
4.4 COLÍNAS CIENTÍFICAS DE KOMATSU	40
4.4.1 Aspectos Funcionais	41
4.4.2 Aspectos Tecnológico	42
4.5 DIRETRIZES	42
4.5.1 Área de Intervenção	42
4.5.2 Legislação.....	45
4.5.3 Programa de Necessidades	48
4.5.4 Partido Arquitetônico	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6 REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá abordar pesquisas relevantes ao tema de projeto Parque Cultural: Um novo Conceito de Museu para a Cidade de Cascavel-PR. Conhecer a importância da história da arquitetura para a realização de um projeto, assim como demais diretrizes. Compreender a região do Oeste do Paraná e suas necessidades de implantação de projetos culturais que visam agregar a população e alavancar o turismo na região.

1.1 ASSUNTO - TEMA

Parque Cultural- A importância da construção de um Parque Cultural, com museu, o qual conte a história da cidade de Cascavel, e alavanque o turismo na região.

1.2 JUSTIFICATIVA

De acordo com TAVARES (2013) a arquitetura e a cultura estão ligadas e são fundamentais uma a outra. Através da arquitetura o homem pode conhecer a cultura de sua cidade, país, conhecer as suas origens, dando valor para sua história e podendo deixar um legado do que viveu.

“Não é à toa que a arquitetura torna-se exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultura. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura como posse. Um Centro Cultural feio seria uma contradição. Tudo isso leva a apontar para a supremacia do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre a sua própria razão de existir.” (Luís Milanese, 2003 s.p)

Segundo TAVARES (2013) a principal referência que temos para contar a história, guardar artes, é o museu, porém antes do surgimento do mesmo, surgiu em Florença, no século XVI, um espaço que era totalmente destinado à artes, e acessível apenas para um público seletivo, como a grande burguesia. Em meados do século XVIII surgiram os museus públicos, mas ainda com restrições a algumas pessoas, que não possuíam aquisições e poderes.

De acordo com TAVARES (2013) ao se propor a construção de um museu, é necessário pensar no que ele deve passar aos usuários, as sensações, a segurança, de que forma ele irá

contar uma história. Todo o seu projeto deve ser pensado de forma a atender a necessidade e a intenção de que foi criado.

De acordo com LEITE (1996) grande parte da economia e desenvolvimento de uma cidade, ou determinada região, se dá como consequência da emigração de seus colonizadores. Os quais criaram uma história, trouxeram valores, e construíram um novo lugar. Diante disso se vê a importância de deixar a história desses emigrantes viva, para que seus valores e conquistas não sejam esquecidos.

Segundo DIAS (2005), a cidade de Cascavel, localizada no Oeste do Paraná, foi colonizada por Europeus, no mesmo período em que ocorria a colonização brasileira. A região teve dois importantes ciclos no seu desenvolvimento, o da erva mate, e da madeira. A cidade, assim como toda a região Oeste, possui uma importante história, a qual deve ser contada e guardada como valorização de pessoas que foram essenciais para todo o desenvolvimento.

1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Qual a importância do desenvolvimento de um parque cultural para resgatar a história da cidade de Cascavel/PR?

1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

O projeto de parque cultural para a cidade de Cascavel traz um novo conceito de turismo para a região, valorizando a paisagem urbana e contribuindo para o desenvolvimento da cidade.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo geral

Proposta de projeto de um Parque Cultural para a cidade de Cascavel/PR

1.5.2 Objetivos específicos

- Entender o fator motivador da construção de um Parque Cultural na cidade de Cascavel/PR;

- Conhecer a história de Cascavel/PR, a importância dos colonizadores, do agronegócio para a região;
- Compreender e conhecer a necessidade dos moradores da cidade e região, em fortalecer o turismo, em agregar mais conhecimento com espaços culturais.

1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com ZEVI (1996) a arquitetura é uma das artes que menos interessava ao homem, enquanto se dava suma importância para a música, pintura, escultura, a arquitetura era reconhecida apenas por aqueles que tinham mais acessibilidade a mesma, muito disso se deu ao fato da arquitetura no começo da história ser acessível apenas para quem possuía grandes poderes, que tinham a oportunidade de conhecê-la, vivenciar o seu espaço, tanto interior quanto exterior, poder usufruir das sensações que a arquitetura é capaz de passar.

Segundo ZEVI (1996) é necessário conhecer a arquitetura, não somente a parte física, construída, a arquitetura vai muito além disso, traz consigo uma história, vivida e sentida, onde é preciso ser estudada para que se possa compreendê-la.

De acordo com TAVARES (2013) é de suma importância que a história seja preservada, e uma das maneiras de que isso ocorra, é juntado a história, com a arquitetura. Como é o caso de construções de museus, na criação de um espaço onde a arte possa deixar viva as memórias de uma cidade, um país, pessoas e fatos.

1.7. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória sobre a construção de parque cultural: museu para a cidade de Cascavel/PR que se amparará na revisão bibliográfica como ferramenta metodológica.

Para GIL (2006) uma pesquisa exploratória consiste em proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. A revisão bibliográfica para GIL (2006) pode ser entendida como pesquisa em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Este capítulo faz a integração do tema de pesquisa, Parque Cultural: Um Novo Conceito de Museu para a Cidade de Cascavel/PR, com as teorias e os fundamentos que embasam a formação do arquiteto urbanista. Em razão disso, foi realizado um resgate histórico da teoria da arquitetura, as definições do espaço, a influência da arte para a população, analisando a importância da criação de espaços públicos de lazer, os quais preservem também a história de uma cidade. Além dos aspectos citados, o capítulo aborda assuntos que se estendem nos demais pilares do ensino da arquitetura e do urbanismo, sendo esses: metodologias projetuais, urbanismo e planejamento urbano e tecnologias construtivas.

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

No pilar sobre história e teorias serão abordados temas como a história das cidades, o ambiente construído, a arquitetura como linguagem, arquitetura brasileira, movimento visual, e a história da arte, buscando a ligação com o tema Parque Cultural: Um Novo Conceito em Museu para a Cidade de Cascavel/PR

As cidades surgiram através da necessidade do homem em criar ambientes que pudessem dar suporte a sua sobrevivência. O homem se adaptava com o ambiente natural que possuía, muitas vezes em locais com declives, onde através dos materiais disponíveis criasse abrigos para se proteger de frio, chuva e demais fatores climáticos. BENEVOLO (2009)

Segundo BENEVOLO (2009) com a aproximação de pessoas que se juntavam nesses locais procurando abrigo, foi se formando uma sociedade, onde todos podiam construir e melhorar sua maneira de viver, e também de trabalhar.

A moradia é o elemento que interessa aos habitantes, e aceitando a moradia como ponto de partida, a arquitetura moderna se propõe reconstruir a cidade segundo as exigências dos habitantes, em vez de seguir as dos proprietários e dos funcionários. (BENEVOLO, 2009 p.637)

A população começou a construir seus ambientes, de acordo com suas necessidades. Isso ocorria tanto para o local de morar, assim como o de trabalhar. O ambiente era construído modificando o ambiente natural que possuíam, de forma superficial. BENEVOLO (2009)

De acordo com BENEVOLO (2009) o ambiente construído passou também a trazer problemas para o homem com o passar do tempo. Com o aumento de possibilidades e tecnologias, houve desequilíbrio nos interesses imobiliários, prejudicando a economia das cidades.

De acordo com COLIN (2000) em uma obra de arquitetura, o observador consegue compreender através da edificação a linguagem que o arquiteto gostaria de passar. O desenho e também a obra construída, é o meio de expressão para que ocorra a linguagem na arquitetura. É possível ter uma leitura da obra, isso pode ocorrer tanto no seu interior quanto no exterior, através do uso de volumes, cores, e também materiais utilizados.

Ao falarmos do conteúdo estamos, em primeiro lugar, acusando certa capacidade que tem a arquitetura de representar para as pessoas logo mais que sua simples presença; estamos orientando nossa atenção não para as evidências materiais, mas para outro plano, do qual estas são o suporte, e que comporta os enunciados que serão veiculados por suas formas; estamos, enfim, reconhecendo que experimentamos a arquitetura como uma linguagem, e que os elementos físicos do objeto arquitetônico nos fornecem instrumentos de comunicação através dos quais outras ideias, alheias ao universo estrito dos ajustes formais, podem ser transmitidas. (COLIN, 2000 p. 75)

A arquitetura brasileira passou e ainda passa por muitos períodos e estilos, o início se deu com a colonização europeia, que trouxe estilos, materiais e também técnicas construtivas para o país. Foram criadas no período cidades coloniais, as quais ainda hoje contam e guardam a história da colonização. BRUAND (2005)

Segundo BRUAND (2005) o Brasil chegou em um momento em que queria ter seu próprio estilo, passou a desenvolver e estudar técnicas que fossem individuais no país, deixando um pouco de lado a cultura e ideias vindas da Europa. Desde essas transições a arquitetura brasileira ganhou grande importância, com nomes e obras reconhecidos não só nacional, como também mundialmente.

Mais ainda do que o meio geográfico, as condições históricas que acompanharam o desenvolvimento da arquitetura brasileira explicam a orientação, ou melhor, as

sucessivas orientações por ela seguidas no decorrer do século XX. A herança colonial não deixou de pesar intensamente sobre o presente, ao qual levou uma organização social apenas parcialmente alterada pelas transformações econômicas. Por outro lado, a notável miscigenação resultante do fluxo maciço de imigrantes europeus entre 1880 a 1910 modificou por completo, material e moralmente, o aspecto do País, dando-lhe em especial uma mentalidade diferente, resultante da integração extremamente rápida dos imigrantes numa sociedade até então profundamente tradicional. (BRUAND, 2005 p.19)

O espaço de uma obra pode possuir um infinito de coisas, de sensações e conhecimentos. As pessoas descobrem experiências únicas ao conhecer uma obra. Cada ser humano reage de uma forma, uma obra pode ser agravável para um e ao mesmo tempo não agradar ao outro. Pode ser uma cor, uma forma, cada um tem sua maneira de compreender o que o arquiteto está querendo passar com a obra. (FAYGA, 2001)

De acordo com FAYGA (2001) um espaço pode tanto passar sensações de liberdade, quanto de aprisionamento, as pessoas criam possibilidades de como irão desfrutar um determinado ambiente.

O uso da palavra "conceito" não pretende de modo algum sugerir que a percepção seja uma operação intelectual. Os processos em questão devem ser considerados como se ocorressem dentro do setor visual do sistema nervoso. Mas o termo conceito tem a intenção de sugerir uma similaridade notável entre as atividades elementares dos sentidos e as mais elevadas do pensamento ou do raciocínio. Tão grande é esta similaridade que muitos psicólogos atribuem as realizações dos sentidos à ajuda secreta que supostamente lhes proporciona o intelecto. (ARHEIM, 2005 p.39)

A arte se faz presente na vida das pessoas desde a antiguidade, o campo da arte abrange muitos setores, e está sempre em evolução, é uma área que não para de fornecer sensações e conhecimentos, em cada geração se passa um tipo de arte, e cabe as pessoas desfrutarem do que é proposto pelo artista. (GOMBRICH, 1999)

“A história da arte é descrita, às vezes, como a história de uma sucessão de vários estilos. (...) o estilo romântico ou normando do século XII, com seus arcos perfeitos, foi sucedido pelo estilo gótico, com arco ogival; que o estilo gótico foi superado pela Renascença, começando na Itália em princípios do século XV, e lentamente se propagando a todos os países da Europa. O estilo que sucedeu a Renascença é usualmente chamado barroco”. (GOMBRICH, 1999 p.388)

Conclui-se, a importância de conhecer e estudar a história da arquitetura para a execução de um projeto, o arquiteto precisa conhecer e entender o passado para que possa projetar. A história sempre esteve presente, e desse ser preservada, principalmente na arquitetura, onde possa deixar um legado de geração para geração.

2.1 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

O capítulo a seguir trata da metodologia dos projetos de arquitetura, com enfoque em paisagismo e projeto de museus, os quais estão relacionados com o Projeto de Parque Cultural com Museu para a cidade de Cascavel/PR. Aborda também Partido Arquitetônico, Desenho, Forma, Espaço e Ordem, Espaço Interior x Espaço Exterior.

De acordo com ZEVI (2006) ao criar um projeto, e uma obra, o arquiteto parte de um partido arquitetônico, ao se imaginar o projeto, ele pensa nas possibilidades, nas necessidades que irá atender, na junção de volume, formas, cores, estuda conceitos, para que então surja a forma do seu projeto. Através da forma que é possível entender a linguagem do arquiteto. O partido arquitetônico pode surgir em qualquer momento do projeto, cada um na sua forma de pensar e realizar.

“O Partido Arquitetônico é um conjunto de diretrizes e parâmetros que são levados em conta na realização de um projeto arquitetônico e ou urbanístico. Os parâmetros sempre estão combinados e nunca um único parâmetro produzirá um partido”. A partir do momento em que for seguido um maior o número de parâmetros, melhor será a caracterização do partido arquitetônico (COELHO, 2013, p. 4).

De acordo com NEUFERT (2004), o desenho é a forma clara e objetiva de projetar, o arquiteto se expressa através do desenho. Nas linhas criadas com o desenho surge a forma, planta, cortes, e todos os detalhes que é necessário para a criação do projeto. Através do desenho é que ocorre o entendimento universal da linguagem, se desenha através e de acordo com suas necessidades.

“As normas fundamentais para o projeto começam no desenho ainda no papel daí a dimensões de grande parte do mobiliário e de muitos mobiliários começam ter seu dimensionamento apresentado, o arquiteto deve saber e ter conhecimento das

dimensões corretas e normatização das folhas de papel que seguem formato fixo proposto. Para a comodidade quando não se usa folha de papel cortadas e com o selo impresso, utiliza-se um carimbo o lugar para o rótulo e para a lisa de peças, que sempre foi no lado direito inferior da folha e que sempre possui possibilidade de ampliação para a sua esquerda e para cima, forma de aumentar e se adaptar conforme o arquiteto que iria manusear.” (NEUFERT, 2004).

Quando um arquiteto projeta, ele deve fazer as modificações de acordo com suas necessidades, com as necessidades do corpo humano. A noção de dimensionamento de um projeto, deve ser baseada no corpo, para atender as necessidades, e proporcionar conforto e bem estar. (NEUFERT, 2004)

Existe um ponto de contato que une forma, espaço e ordem. Através de materiais, texturas, jogos de luzes e sombras, cores, surge a forma arquitetônica. A qualidade de final de uma obra depende unicamente da habilidade do arquiteto ao saber usar esses três importantes fatores. CHING (1999)

De acordo com CHING (1999), a maneira como o espaço é distribuído em um ambiente é que determina as sensações que irá causar ao usuário. O espaço deve ser pensado de acordo com a projeção e necessidade do ser humano, criando ambientes agradáveis e confortáveis.

“Todos os materiais construtivos utilizados na arquitetura têm propriedades distintas de elasticidade, rigidez e durabilidade. E todos tem uma força máxima além da qual não podem ser destendidos sem que se rachem, se quebrem ou desmoronem. Como os desgastes de um material resultante da força da gravidade aumentam em tamanho, todos os materiais também têm dimensões racionais além das quais não podem ir. Por exemplo, pode-se esperar que uma laje de pedra com 4 polegadas de espessura e 2,5 m de comprimento se sustente com uma ponte entre dois suportes.” (CHING, 1999 p. 279)

De acordo com NETTO (1999), o espaço interior e o espaço exterior devem possuir uma ligação entre si. O espaço exterior deve causar uma sensação de contentamento e admiração, e o interior sensação de surpresa e bem estar. Ao adentrar um ambiente o usuário deve sentir-se confortável, andar na obra descobrindo o ambiente de forma a sentir vontade de permanecer no local, e continuar caminhando a fim de conhecer ainda mais.

“A arquitetura é composta basicamente por ordenamento que os gregos dominavam e pode ser que ainda dominam, a disposição, a proporção e entre outros fatores que os gregos dominantes hoje. Lurçat teórico e intelectual importante que define o campo da arquitetura como sendo o dos volumes que se levantam no espaço, que em alguns

casos são determinados pelas superfícies que encontra-se e as proporções são indicadas pela luz, fator importante na arquitetura.” (NETTO, 1999)

O paisagismo é de extrema importância tanto em uma obra assim como nas cidades. As pessoas buscam cada vez mais a inserção de espaços naturais, responsáveis por sensação de conforto e bem estar. Ao trazer paisagismo para as obras, o arquiteto cria ambientes agradáveis, capazes de proporcionar essas sensações aos usuários. WATERMAN (2010)

Segundo WATERMAN (2010) é possível inserir o paisagismo até mesmo em ambientes e obras pequenas, nos dias atuais muitas são as opções para que isso ocorra. Com o uso de plantas e vegetações, espaços com água, toda a obra passa a ganhar um novo valor e destaque.

“Ao se focalizar uma paisagem, depara-se com componentes visíveis, os quais se enquadram nas categorias de elementos naturais (produzidos pela natureza) e aqueles construídos pelo homem. Entretanto, interagindo com esses elementos, há também outros componentes não visualizados, porém sempre presentes na formação de paisagem. Trata-se de elementos ocultos, abstratos, cuja a percepção se dê por outros meios(sensações), há quem dos órgãos da visão. Dentre estes, insere-se o tempo e o projeto de mudança a que as paisagens estão sujeitas, as funções biológicas não visualizadas, os valores (histórico-culturais e estéticos), além de uma ampla gama de gostos, odores e outras sensações perceptíveis.” (FILHO, 2001 p.04)

De acordo com TAVARES (2013) a história de uma cidade, de um país, deve ser preservada, para que possa ser contada de geração a geração. Uma forma importante de que isso aconteça é a criação de museus, espaços muitas vezes públicos, de fácil acesso a toda a população e que conta através de exposições, de obras, como existiu a história. Ao adentrar um museu, a pessoa pode viver a história, conhece seus antepassados, ter momentos de alegrias e também de tristezas com as sensações que um museu é capaz de passar.

“A partir de uma investigação da própria natureza da musealização, pode-se perceber que a ‘elevação’ de um objeto da cultura à categoria de patrimônio se dá como uma espécie de atribuição mágica a um objeto determinado, ou a um espaço a que se atribui valor, fragmento do mundo que, imediatamente, ganha o sentido de excepcionalidade sobre a totalidade – ele representa-a e contém todo o resto em si” (SOARES, 2012, p. 69).

Conclui-se que a proposta de projeto de um Parque Cultural: Um novo conceito de museu para a cidade de Cascavel/PR requer o entendimento de vários fatores de um projeto de arquitetura, compreender como surge um partido arquitetônico, de que maneira a obra irá passar sensações ao observador. Para a execução de um museu, é preciso conhecer a história e a cultura de um determinado local. Saber repassar isso para as pessoas que irão frequentar e adentrar o espaço projetado.

2.3 URBANISMO E PLANEJAMENTO

Na aproximação teórica do Parque Cultural com o Urbanismo, buscou-se a definição e influência da história do urbanismo, espaço urbano, a paisagem urbana, e o urbanismo de Cascavel, com ênfase nos dois últimos citados, os quais agregam importante base para o projeto a ser desenvolvido.

A história do Urbanismo teve início na antiguidade, e também era conhecida como arte urbana, o urbanismo compreendia a cidade, os planos urbanos, obras públicas, e passou a ter grande importância para a sociedade através da divisão de bairros, sendo divididos em comercial ou artesanal, residencial, administrativo, religioso, acontecendo de acordo com a necessidade de determinada população (HARQUEL, 1990)

“O urbanismo tal como o conhecemos, que se pretende uma ciência dos estabelecimentos humanos, nasce em decorrência da Revolução Industrial”.
(HARQUEL, 1990 p.114)

De acordo com BENEVOLO (1991) as cidades surgiram com a função de organização da sociedade buscando a concentração e a integração de modo a garantir ambientes capazes de atender as necessidades da sociedade com qualidade. O homem habitava um ambiente primitivo, definido basicamente como uma declividade natural em um terreno, onde criava-se um abrigo a partir de materiais naturais existentes como por exemplo a madeira.

"Em uma destas dimensões, a espacial, o planejamento urbano pode ser entendido como uma tentativa de, em forma sistemática, prever e, portanto, controlar o desenvolvimento físico da cidade. Para um planejamento espacial conseqüente, este controle deve ser consistente com e/ou dirigido para a manipulação adequada dos determinantes sociais, econômicos, políticos e tecnológicos para os fins sociais

almejados. A interação destes determinantes sociais, econômicos, políticos e tecnológicos para os fins sociais almejados. A interação destes determinantes, na medida em que todo o social se realiza no espaço, resulta em ordens ou padrões de uso do solo que representam, em cada momento, o efeito cumulativo de decisões, ações (e omissões) de um grande número de agentes individuais e institucionais [...]". (FARRET, 1985 p.11)

De acordo com ACIOLY (1988) O planejamento de um sistema viário deve ser realizado com muito cuidado e cautela por parte dos planejadores, de modo a minimizar os custos finais de projeto além de buscar aspectos sustentáveis. A circulação de pedestres, o fluxo de veículos e as vias devem estar estreitamente relacionadas para um planejamento urbano eficaz.

O sistema viário é responsável pela eficiência de assentamento humanos, ele é capaz de determinar a circulação, rotas e a interação social. Seu dimensionamento pode causar isolamento ou congestionamento, pode também causar o aumento de custos a população, por isso deve haver um ponto de equilíbrio entre custos e benefícios. ACIOLY (1988)

“O sistema viário é um fator determinante da morfologia urbana e da eficiência do layout urbano dos assentamentos humanos. Ele não só determina a forma de circulação de pessoas e mercadorias, mas também as rotas de pedestres e a sequência dos espaços de encontro casual e interação social. Pode levar ao isolamento ou ao congestionamento, dependendo da forma e dimensão com que seja planejado. O ponto de vista da eficiência do layout, ruas largas tendem a aumentar os custos dos lotes e o custo final da habitação, principalmente quando não se realiza uma análise criteriosa de custo e benefício, de ganhos e perdas, entre a área total da gleba disponível para uso habitacional e a área total destinada aos serviços públicos e infraestrutura.” (ACIOLY, 1998 p.66)

Uma cidade, é o local onde as pessoas escolhem pra viver em comunidade, e não isoladamente, para ter qualidade de vida e bem estar, a cidade é o conjunto de seus habitantes. Através das obras, dos edifícios, e disposições de ruas e bairros, é formado a paisagem urbana. Muito da paisagem urbana se dá através do uso da natureza, com a criação de praças, uso de vegetação, principalmente de árvores. (CULLEN, 1971)

A paisagem urbana também é formada através de projetos de arquitetos paisagistas, na implantação de mobiliários urbanos, na escolha de matérias, que podem ser concreto, madeira,

cimento pedra, na criação de praças e espaços públicos, com uso de água, plantas ornamentais, e elementos que criam ambientes naturais. (CULLEN, 1971)

"Entre os diversos elementos naturais que compõem a paisagem Urbana, a árvore é, sem dúvida, o mais frequente, e a relação entre árvores e cidade tem uma longa e respeitável tradição. A ideia de que, tal como os edifícios, as árvores eram verdadeiras estruturas, levava a sua disposição segundo padrões arquitetônicos e a sua interpenetração com os elementos construídos; mas hoje em dia aceita-se a árvore por si mesma, considerando-a como uma presença viva que habita entre nós". (CULLEN, 1971 p.84)

Cascavel, localizada no estado do Paraná, é uma cidade considerada de grande porte, e muito conhecida, por ser uma das principais cidades do polo do Paraná, com grande abundância de matéria prima, terras muito produtivas, sempre atraiu muitas pessoas para investirem em comércio e indústrias. (DIAS, 2000)

De acordo com DIAS (2000), a cidade possui uma grande evolução na sua história urbana, onde foi pensado de acordo com o seu desenvolvimento. As pessoas pensavam no futuro conforme ocorria o grande avanço de desenvolvimento e conseqüentemente aumento populacional.

"As ações vieram atona, pois elas passaram a ser exigências dos poderes governamentais do governo federal e do governo interno do estado. O município de Cascavel fazia de tudo para se destacar e ter bom planejamento urbano buscando recursos de infraestrutura urbana, que o mesmo possuía em seu plano diretor." (DIAS, 2000)

De acordo com os autores estudados acima, conclui-se a importância do urbanismo para uma sociedade. A maneira como uma cidade é organizada reflete diretamente em sua população, assim como no crescimento e desenvolvimento da mesma.

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

No estudo das aproximações teóricas sobre a Tecnologia da Construção, ligando com o projeto de Parque Cultural, buscou-se fundamentar e discutir os sistemas estruturais, materiais

de construção, com ênfase em concreto armado, conforto térmico e conforto acústico em um projeto de arquitetura.

Em uma obra de arquitetura, os sistemas estruturais distribuem as cargas, e dessa forma fazem funcionar as três operações subsequentes: recepção da carga, transmissão da carga e descarga. Para este processo é dado o nome de Fluxo de Forças. (ENGEL, 2002)

“Visto que os sistemas estruturais de forma ativa distribuem as cargas na direção da resultante, são com efeito, suportes lineares. Isso aplica-se também as redes de cabos, membranas ou cúpulas nas quais as cargas, através da dispersão em mais de um eixo, são ainda transferidas de modo linear em virtude da ausência de mecanismo de cisalhamento. (...) O conhecimento das leis da redistribuição de forças em forma ativa é o requisito para o projeto de qualquer sistema estrutural, e por consequência, essencial para o arquiteto ou engenheiro interessado no desenho estrutural”. (ENGEL, 2002 p. 58)

Para que se realize em uma edificação a estrutura e os elementos construtivos, os materiais são indispensáveis. Além da sua função estrutural, é necessário também que haja uma ligação com o ambiente, analisar o material adequado para determinada obra é de extrema importância (BERTOLLI, 2010)

De acordo com BERTOLLI (2010) os materiais devem passar por controle de qualidade, para que o resultado seja satisfatório, gerando menos gastos na obra com manutenções futuras. Existem testes para verificar a qualidade dos materiais, analisando sua durabilidade e eficácia.

"A degradação dos materiais é produzida pela interação físico-química do ambiente com os materiais; interações podem ocorrer apenas depois do Movimento dos agentes agressivos no interior do ambiente ou do material [...]". (BERTOLI, 2010 p.31)

Na antiguidade, se usava como material de construção nas obras a pedra, tanto para edificações quanto para construir fortificações, para vencer vãos de rios e também para templos, com o passar do tempo, e para atender a maior necessidade do homem, surgiu o concreto armado, que é uma pedra ligada com cimento, areia e água. (BOTELHO, 2002)

De acordo com BOTELHO (2002) o concreto armado é uma forma de substituir a pedra natural, garantindo uma maior suporte a pressão e a força. Porém por muito tempo houve uma

briga entre engenheiros e arquitetos, onde engenheiros utilizavam o concreto de forma robusta, em formas arquitetônicas sem identidade.

"Ação do ambiente nas estruturas de concreto armado pode determinar um dano progressivo na estrutura, tanto no próprio concreto como na armadura. Pode ser do tipo físico (por exemplo, devido ao efeito da temperatura), químico (por causa das substâncias presentes no ambiente), biológico ou mecânico (por exemplo, como efeito da abrasão ou das cargas aplicadas a estrutura). No primeiro caso, há uma degradação direta do concreto, que pode ocorrer tanto na pasta de compostos de cimentos como nos agregados, dependendo da causa; em seguida, a degradação do concreto pode induzir também a corrosão das armaduras. Em outros casos, ao contrário, o ambiente determina a corrosão das armaduras e o concreto pode ser afetado somente em um segundo momento. A experiência demonstra que a corrosão das armaduras é a causa mais frequente da degradação direta do concreto e de corrosão das armaduras". (BERTOLI, 2010 p.129)

De acordo com FROTA (2001), o uso de materiais corretos em um projeto bem como uma boa organização espacial dos ambientes garante um projeto com bom conforto térmico, as pessoas necessitam que o ambiente traga conforto, para que possam desenvolver melhor em seu ambiente de trabalho.

"Arquitetura deve servir ao homem e ao seu conforto, o que abrange o seu conforto térmico. O homem tem melhores condições de vida e de saúde quando seu organismo pode funcionar sem ser submetido a fadiga ou estresse, inclusive térmico. A arquitetura, com uma de suas funções, deve oferecer condições térmicas compatíveis ao conforto térmico humano no interior dos edifícios, sejam quais forem as condições climáticas externas". (FROTA, 2001 p.17)

O clima de um local de trabalho deve ser agradável, ter a temperatura ideal que o corpo humano necessita, para que assim exista maior desempenho.

De acordo com FROTA (2001) em um ambiente de trabalho é necessário que não existam ruídos Um projeto de acústica deve ser adaptado de acordo com as necessidades de cada ambiente que será executado. O som precisa ser agradável, evitar ruídos externos.

"O crescimento desordenado dos núcleos urbanos, o advento das novas tecnologias da construção civil, questões de ordem cultural, etc., têm provocado um aumento acentuado de questões relacionadas ao conforto acústico". (CARVALHO, 2010 p.19)

É de extrema importância em uma obra, analisar os materiais a serem utilizados, de forma a trazer qualidade e segurança ao usuário, sem deixar de trabalhar a estética da obra e também proporcionar o conforto necessário ao corpo humano.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

Neste capítulo serão analisadas as diretrizes que darão o respaldo necessário para o desenvolvimento do projeto de Parque Cultural: Um novo conceito de Museu para a cidade de Cascavel-PR. Serão abordados temas relevantes ao projeto, como Museu, Parque Cultural, e a história e desenvolvimento da cidade de Cascavel.

3.1 MUSEU

A palavra museu, pode ser definida como um espaço que não visa fins lucrativos, e serve para conta a história e desenvolvimento de uma cidade, região, sociedade. O conceito da palavra museu teve origem através da civilização grega, neste período ocorreu em Alexandria, a construção do primeiro Museu, o qual era conhecido por mouseion, essa construção ocorreu II séculos antes de Cristo, e o local era destinado para reuniões de artistas, poetas, sábios, e também seus discípulos, também utilizavam o local para estudar e guardar objetos que consideravam importantes. (SIQUEIRA, 2007)

De acordo com SIQUEIRA (2007) os edifício de museus são definidos como patrimônio cultural, artístico nacional e históricos, muitas vezes os prédios destinados ao museu, eram de fato locais que traziam a história, que guardavam acerbos, obras, e fatos importantes de um país ou uma região. Os museus podem ter várias finalidades, podem ser voltados para artes, cultura, ciências, etnologias, cada espaço deve ser pensado de acordo com a sua função

Alguns autores afirmam que o hábito colecionista é tão antigo quanto o homem, dependendo do contexto em que é inserido e de acordo com os seus diversos significados e motivos. Então, pode-se dizer que há ligação entre museu e coleção³, pois é a prática desse ato que se dá início a criação de um museu, com suas diversas obras e objetivos. Como exemplo, tivemos os romanos que foram grandes colecionadores e todas as regiões ocupadas por eles, eram pilhadas pelos soldados e seus objetos de valores recolhidos para decorar os palácios dos imperadores, generais e familiares, ao longo dos séculos. Diz Hernández (1994, p. 13) que, na cultura romana a palavra mouseion designa uma edificação particular onde eram realizadas reuniões filosóficas sem, contudo, se referirem às coleções. (JUNIOR, 2003 p.2)

A história dos museus no Brasil tem um grande destaque, já que estuda-se que o primeiro museu que foi aberto para todo o público, mundialmente falando, surgiu no Rio de Janeiro em 1784, conhecida como Casa dos Pássaros, levou o nome de Casa História Nacional, sua finalidade era exposição de pássaros, e animais vivos. O museu funcionou por mais de 20 anos, e após seu fechamento, as coleções foram encaminhadas para a Academia Militar, a qual teve sua inauguração em 1810. (JUNIOR, 2003)

Segundo JUNIOR (2003) o primeiro museu que a história tem comprovado no Brasil, Figura 1, surgiu também no Rio de Janeiro, em 06 de junho de 1818. Hoje conhecido como Museu Nacional, levava o nome de Museu Real, e sua destinação era o progresso econômico e cultural do país. Um ano após, junto ao museu ocorreu a implantação do Jardim Botânico, passou a receber doações de obras de grandes países, aumentando seu acervo, e seu valor histórico.

Figura 1 – Museu Nacional – Rio de Janeiro/RJ



Fonte http://www.rioecultura.com.br/coluna_patrimonio

De acordo com JUNIOR (2003) após a construção do Museu no Rio de Janeiro, o incentivo pelas artes ganhou força no Brasil, no Século XIX, foi criado o Museu Paulista em São Paulo e em Belém do Pará o Museu Emilio Goeldi, ambos criados pelo Imperador Dom Pedro II.

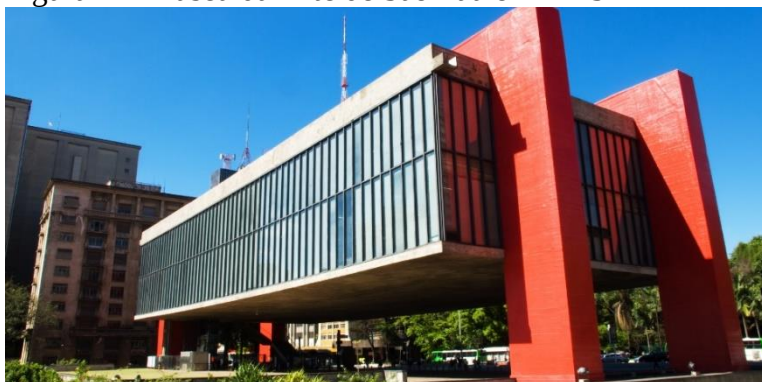
Os museus agregam no setor de turismo para um cidade, região ou país, através da divulgação e valorização da cultura, contribui até mesmo para que ocorra a sustentabilidade dos bens materiais. Cidades maiores tem mais potencial econômico para o turismo, e em algumas delas, quando se pensa em turismo, as pessoas já tem museus em mente, como é o caso de Nova

York, com o Metropolitan Museum que está inerido no famoso Central Park, agregando mais valor à região, o museu do Louvre, em Paris, British Museum. Em Londres. No Brasil, o número de empresas voltadas a pacotes turísticos que investem em museus ainda é muito baixo, o que acaba desvalorizando a arte no país. (SIQUEIRA, 2007)

De acordo com SIQUEIRA (2007) Cultura e turismo, seguem caminhos distintos no Brasil, o turismo é considerado atividade com iniciativa privada, enquanto os museus são considerados patrimônio histórico e cultural, porém são diretamente interligados, pois ambos buscam preservar a cultura. Para que um museu passe a atender maior número de turistas, precisar contar com uma melhor infraestrutura, possuir cafés, restaurantes, biblioteca, banheiros, lojas de souvenirs, e principalmente as galerias de exposições. No Brasil, um dos primeiros museus que buscou atender essa infraestrutura foi O Museu da Arte de São Paulo, o MASP – Figura 2 - da arquiteta Lina Bo Bardi, ele possui restaurante no subsolo, lojas, em uma infraestrutura que convida o público a conhecer.

O museu se apresenta como um lugar de convivência que abre suas portas para que toda e qualquer categoria de público possa usufruir de um espaço não só de lazer, mas fundamentalmente de reflexão a respeito da memória histórica e de um simbolismo transcendente. (VASCONCELLOS, 2006, p. 37).

Figura 2 – Museu da Arte de São Paulo - MASP



Fonte: <http://www.ebc.com.br>

De acordo com VASCONCELLOS (2006), no Brasil, o turismo cultural ocupa hoje o terceiro lugar de opção de viagens entre os turistas nacionais e internacionais, perdendo para as praias e o ecoturismo.

Para se realizar o projeto de um museu, muitos cuidados devem ser tomados, deve-se levar em conta a importância da sua funcionalidade, das obras que irá armazenar, para que a obra esteja adequada e atenda as leis e normas necessárias. SIQUEIRA (2007)

3.1.1 ILUMINAÇÃO DE MUSEUS

Segundo SCAPIN (2007) Não deve haver incidência de luz direta sobre os objetos expostos, o que pode causar danos às peças. Por este motivo, os espaços para exposições devem apresentar sistema de iluminação flexível: nenhuma luminária embutida, nenhuma luminária fixa de parede ou teto.

Valores-padrão do nível de iluminação:

Peças/obras muito sensíveis 50-80lx

Peças/obras sensíveis: 100-150lx

Peças/obras pouco sensíveis: 150-300lx

As radiações UV não podem ultrapassar 25 W/m², as áreas de exposição devem ter sistemas que permitam seu escurecimento completo. Para os espaços abertos, onde não ocorrem exposições, como entrada, café e biblioteca, o uso de iluminação natural é desejada. O cálculo da iluminação para museus é muito teórico e nele a qualidade da luz é fator essencial. (SCAPIN, 2007)

3.1.2 MUSEUS - CLIMA

Segundo NEUFERT (2004) Na área de depósitos e de exposições, as temperaturas no inverno variam entre 15°C e 18°C; no verão poder ser de 20°C a 22°C. Além disso, no verão não deve haver aumentos bruscos de temperatura, acima de 26°C; temperaturas abaixo de 13°C no inverno são inadequadas. A localização dos depósitos não deverá ser feita em áreas de cobertura sem isolamento.

Como a reprodução de insetos diminui consideravelmente abaixo de 15°C, tem-se 12°C – 13°C como temperatura ótima para museus etnográficos ou de ciências naturais. Material arquivado de fotografia e filme é quimicamente instável, devendo ser depositado em ambiente seco e fresco, com temperaturas abaixo de 16°C. (NEUFERT, 2004)

De acordo com NEUFERT (2004) A umidade relativa em depósitos e áreas de exposições depende do material exposto ou armazenado: o ideal para madeira é 55-60%; para telas, 50-55%; para papel, 45-50%; e no caso de metal, a umidade máxima deverá ser de 40%. É fundamental que a manutenção tenha calor constante, evitando-se oscilações bruscas: em uma hora a oscilação da umidade relativa do ar não deverá ser maior do que 2,5%; em um dia, não exceder 5%. Durante as estações do ano têm-se como valores máximos de oscilação não mais do que 5% positivos no verão e menos de 5% no inverno. A variação permanente do número de visitantes nos museus leva a mudanças constantes das condições climáticas.

3.1.3 ESPAÇOS PARA EXPOSIÇÕES

A relação entre o acervo e a forma de comunicação escolhida para apresentá-lo (concepção da exposição) é determinante na organização dos espaços destinados a exposições. (NEUFERT, 2004)

A planta livre é utilizada para exposições de peças grandes, visualmente autônomas, circulação livre, áreas funcionais em subsolo. Os espaços principais e secundários são destinados a orientação dentro do museu ou em determinada exposição e para exposições autônomas. (NEUFERT, 2004)

Na Sequência espacial linear, circulação controlada, orientação clara, entrada e saída separadas, já nas áreas com labirintos a circulação é livre, percursos e direções variáveis, possibilidade de entrada e saída separadas. (NEUFERT, 2004)

O paço complexo combina grupos de espaços, com as características dos grupos, organização complexa do acervo e concepção das exposições, no Circuito, também conhecido como Loop, ocorre semelhante ao encadeamento linear, circulação controlada leva ao retorno até a entrada. (NEUFERT, 2004)

O tamanho e a altura das áreas de exposições e depósitos dependem das dimensões das peças/obras e tamanho do acervo; o pé-direito mínimo, entretanto é de 4m. (NEUFERT, 2004)

Tendo em vista os aspectos observados neste capítulo, um museu é um local para a conservação, estudo e guarda de objetos, sejam eles patrimônios históricos ou artísticos, pois neles são guardados fatos memoráveis de uma história, possuindo cada qual um valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Um museu possui uma abrangência de

modalidades que são oferecidas ao público, como as exposições, reuniões culturais, danças, poesias, narrações, expandindo o valor da cultura para a população. Ele se apresenta como um lugar de convivência que abre suas portas para que toda e qualquer categoria de público possa usufruir de um espaço não só de lazer, mas fundamentalmente, de reflexão a respeito da memória histórica e de um simbolismo transcendente.

3.2 PARQUE CULTURAL

Os parques culturais ainda tem um conceito recente se analisado ao grande panorama de turismo. Ele surge como um forte fator para a valorização de paisagem, cultura e patrimônio (VALENTE, 2015)

Os primeiros parques, voltados para a população surgiram na Grécia, chegando ao Brasil logo após sua colonização. Os locais eram escolhidos de acordo com o destaque urbanístico que possuíam, próximo a arquiteturas marcantes, onde o aglomerado de pessoas eram maior. (CAVALCANTE, 2013)

De acordo com VALENTE (2015), o principal objetivo ao se construir um parque cultural é poder aproveitar os recursos naturais, utilizar um espaço já existente, onde seu uso não era valorizado, e transformar em um local aberto a população, que conte a história do lugar, proporcionando momentos de lazer, conforto e bem estar

O desenvolvimento rural é considerado como um objetivo a alcançar nas áreas delimitadas pelos parques culturais, sendo assim possível por em prática estratégias de ordenamento e desenvolvimento local. Dada a importância de diversificação turística e criação de novas tipologias de mercados os parques culturais surgem como um novo meio de funcionalização do espaço cultural e natural. (VALENTE, 2015 s.p)

Os principais fatores levados em conta em um parque cultural é o patrimônio natural e o patrimônio construído, os dois fatores se somam para valorizar a paisagem, agregar um novo valor ao local inserido (VALENTE, 2015)

De acordo com CAVALCANTE (2013) os locais de parques culturais trazem muitas vantagens para as pessoas que o frequentam. Por possuírem ampla área verde, muitas vezes

acabam sendo um refúgio nas grandes cidades, um local que possam sentir a natureza, e aproveitar momentos agradáveis, mesmo com tanta correria do dia-a-dia. Como é o caso do Parque Cultural em Caravaca - Figura 3.

Figura 3 - Parque Cultural em Caravaca



Fonte: <http://grupoaranea.net/blog/parque-cultural-en-caravaca>

A infraestrutura dos parques culturais auxilia no escoamento da água da chuva, diminui o volume de água que passa pelas áreas impermeabilizadas e poderia acabar gerando prejuízos. Estas áreas, ainda podem abrigar uma diversidade de animais, o que transmite ainda mais a sensação de bem-estar. Tudo isso vem contrastar com a paisagem urbana, tornando-a mais bonita e agradável. (CAVALCANTE, 2013)

“Os parques culturais pretendem por isso contribuir de forma sustentável para a preservação da paisagem e do seu valor patrimonial e arqueológico. Tendo em conta o local onde se insere o parque pode ser um meio de promoção turística, museológica, pedagógica, educacional, científica e lúdica”. (VALENTE, 2015 s.p)

3.3 CASCAVEL

O município de Cascavel, está localizado no Oeste do Paraná, o qual hoje é composto entre as microrregiões de Foz do Iguaçu Toledo e Cascavel – Figura 4, a região já foi ocupada por espanhóis, indígenas e também pertencia à Capitania de São Paulo. (DIAS, 2005)

Segundo DIAS (2005) somente no Século XX ocorreu a extensão territorial da Região Oeste do Paraná, a qual está formada nos dias atuais. Esta região está hoje dividida em 50 municípios.

Figura 4 - Mapa da Região Oeste do Paraná



Fonte: O Paraná (2012)

A colonização da cidade de Cascavel ocorreu como consequência da Revolta Tenentista, a qual dominou Foz do Iguaçu, Guaira Foz e Catanduvás no período de outubro de 1924 a março de 1925. Após as décadas de 1930 e 1940, muitos colonos sulistas, que eram descendente de alemães, italianos, poloneses, caboclos vindos de regiões cafeeiras, começaram as atividades econômicas, com a exploração de madeira, criação de suínos e agricultura. (DIAS, 2005)

Segundo DIAS (2005) a região de Cascavel, estava desde 1924 nos mapas militares e a vila foi oficializada em 1936 pela prefeitura municipal de Foz do Iguaçu.

A emancipação do município – Figura 5 - ocorreu em no dia 14 de novembro de 1951, através da Lei Estadual nº 790. Durante muito tempo, permaneceu uma discussão se esta seria de fato a data correta, já que o primeiro governo municipal se instalou em 14 de dezembro de 1952. (DIAS, 2005)

Figura 5 - Emancipação de Cascavel



Fonte: Museu da Imagem e do Som (MIS);

De acordo com DIAS (2005) a origem do nome Cascavel se dá devido a uma variação do latim clássico caccabus, a qual tem como significado “borbulhar d'água fervendo”. O nome da cidade surgiu, segundo uma lenda em que após um grupo de colonos pernoitarem por dias nos arredores de um rio próximo a região, descobriram um ninho de cobras cascavéis.

O desenvolvimento da cidade teve início com o ciclo da erva mate, que assim como a fácil aquisição de terras trouxe muitos habitantes para a região em busca de novas oportunidades. Após o ciclo da erva-mate, por volta dos anos de 1930 e 1940 iniciou-se o ciclo da madeira – Figura 6. Essas atividades foram de extrema importância para a colonização e o desenvolvimento da cidade. (DIAS, 2005)

Figura 6 - Extração da Madeira em 1938



Fonte: Museu da Imagem e do Som (MIS)

Passado o ciclo da madeira ao fim da década de 1970, iniciou-se o período da industrialização, aumentando as atividades agropecuárias e prestações de serviços. A cidade que atualmente possui mais de 50 anos, é um os maiores polos econômicos da região Sul do Brasil. (DIAS, 2005).

A região do Oeste do Paraná, tem um polo econômico muito forte voltada ao agronegócio, o qual vem se fortalecendo cada vez mais. Os investimentos se aliam ao solo fértil de toda a região, e geram resultados importantíssimos anualmente. (O PARANÁ, 2016)

“Nos últimos 20 anos, os níveis tecnológicos alcançados pelos produtores rurais brasileiros atingiram patamares expressivos que podem ser mensurados pelo aumento da produtividade no campo. Isso explica, por exemplo, o fato de o Brasil ter conseguido dobrar a produção de grãos para os atuais 100 milhões de toneladas, em relação à colheita de 50,8 milhões de toneladas obtida no início da década de 80, com a mesma área plantada. Este desempenho no campo só foi possível graças à utilização de insumos – basicamente sementes, adubo e agrotóxicos – de primeira linha disponíveis para o setor.” (GUANZIROLI, 2006 p.3)

4 CORRELATOS E DIRETRIZES

Neste capítulo serão apresentados os correlatos de projetos de Museus, os quais serão usados como correlatos e referências ao tema proposto, de forma a colaborar com o desenvolvimento do projeto arquitetônico e o problema da pesquisa.

4.1 MUSEU DO CORPO HUMANO

O projeto do Museu Do Corpo Humano, Figura 7, localizado na cidade de Montpellier ao Sul da França, projeto do escritório BIG, possui uma linguagem marcante e orgânica que se destaca, buscando a exploração do corpo humano com enfoque artístico. (ARCHDAILY, 2013)

Figura 7 – Museu Do Corpo Humano



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-157029/big-e-selecionado-para-desenhar-o-museu-do-corpo-humano-na-franca>

4.1.1 ASPECTOS FORMAIS

O edifício de 7800m², conta com oito formas ondulantes que se cruzam em uma espécie de costura, formando uma instituição unificada de pavilhões. Como em uma mistura de líquidos incompatíveis, o resultado é a mescla entre o nível urbano e o Parque Charpak, onde o gramado e a edificação fluem juntos em plena harmonia – Figura 8 (ARCHDAILY, 2013)

Figura 8 – Formas do Museu do Corpo Humano



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-157029/big-e-selecionado-para-desenhar-o-museu-do-corpo-humano-na-franca>

4.1.2 ASPECTOS TECNOLÓGICOS

O projeto está implantado junto ao Parque Charpak e integra a natureza junto a edificação. Através do uso de fachadas envidraçadas é possível a conexão interna e externa, o uso de brise que lembra impressões digitais nas fachadas, protege o interior da luz solar. Sua cobertura funciona como um jardim ergonômico, permitindo ao usuário diferentes usos – Figura 9. (ARCHDAILY, 2013)

Figura 9 – Aspectos Tecnológicos do Museu do Corpo Humano



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-157029/big-e-selecionado-para-desenhar-o-museu-do-corpo-humano-na-franca>

4.2 PROJETO DE MUSEU PARA RELOJOARIA AUDEMARS PIGUET

Projeto do escritório BIG, o edifício em questão trata-se de uma expansão da atual sede da Relojoaria Audemars Piguet, em Le Brassus, Suíça – Figura 10. O projeto inclui além de espaços de exposições, espaços de trabalho e também hospedagem para hóspedes. (ARCHDAILY, 2014)

Figura 10 - Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet

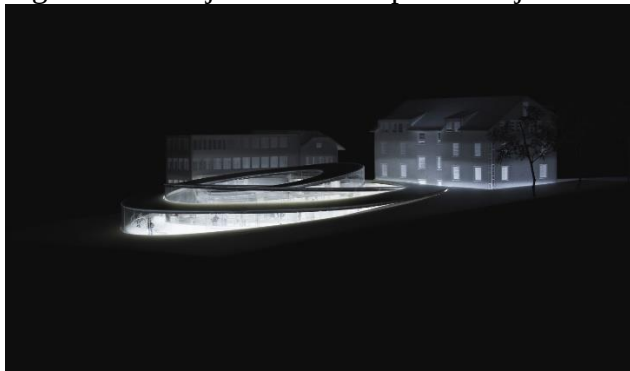


Fonte:<http://www.archdaily.com.br/br/622719/big-projeta-um-museu-em-espiral-para-relojoaria-audemars-piguet>

4.2.1 ASPECTOS FORMAIS

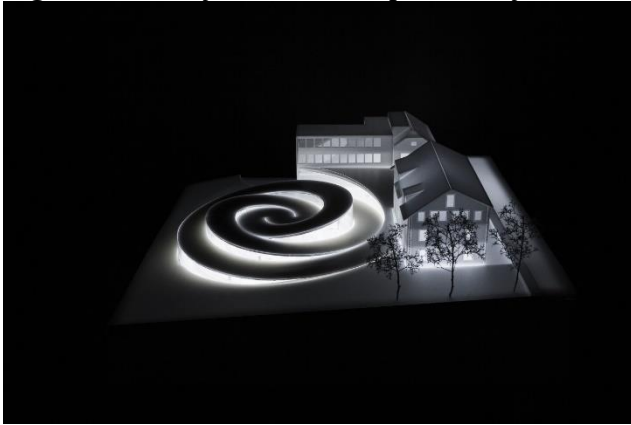
A edificação em formato espiral foi elaborada de modo a promover uma sucessão de galerias e oficinas, de modo com que ambas fossem conectadas. Sua forma também possibilita que as oficinas sejam distribuídas ao longo do percurso, narra a história dos 139 anos da companhia – Figuras 11 e 12 (ARCHDAILY, 2014)

Figura 11 – Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet



Fonte:<http://www.archdaily.com.br/br/622719/big-projeta-um-museu-em-espiral-para-relojoaria-audemars-piguet>

Figura 12 – Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/622719/big-projeta-um-museu-em-espiral-para-relojoaria-audemars-piguet>

4.2.2 ASPECTOS TECNOLÓGICOS

Em sua forma espiral foram projetados rasgos que permitem a iluminação natural dos ambientes e que proporcionam vistas da paisagem externa. O edifício é coberto por uma superfície metálica revestida em bronze. Possui paredes de vidro estrutural que traçam os caminhos do museu e possuem como função a integração das galerias, além de servirem de apoio para a cobertura metálica. O edifício também possui pavimentos subterrâneos destinados as acomodações para hóspedes, com vistas para o Vallée de Joux – Figura 13. (ARCHDAILY, 2014)

Figura 13 - Projeto de museu para Relojoaria Audemars Piguet



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/622719/big-projeta-um-museu-em-espiral-para-relojoaria-audemars-piguet>

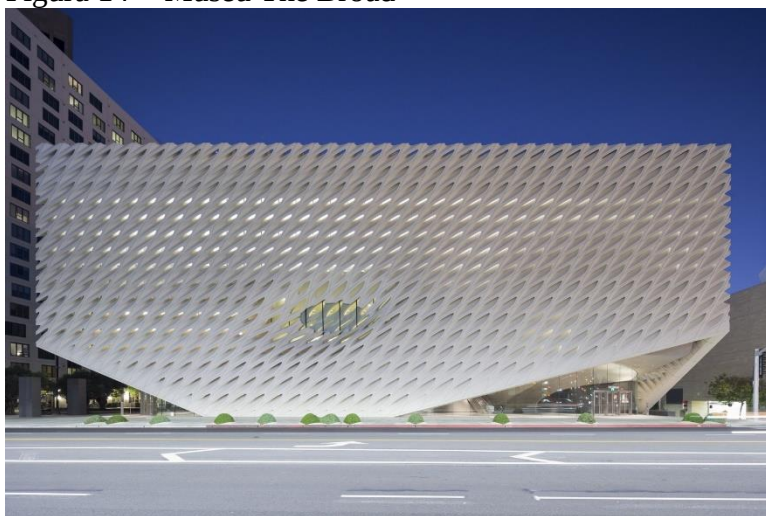
4.3 MUSEU THE BROAD

Projeto dos arquitetos Diller Scofidio + Renfro, o novo museu de arte contemporânea da cidade de Los Angeles está localizado no centro da Grand Avenue. O edifício de 11.000m², abrigará cerca de duas mil obras de arte da The Broad Art Foundation além das coleções pessoais dos proprietários do empreendimento. (ARCHDAILY, 2015)

4.3.1 ASPECTOS FUNCIONAIS

O edifício que ganhou o apelido de “o véu e o cofre” possuirá dois pavimentos destinados as galerias para exposições das coleções completas e também será a sede da biblioteca de empréstimos mundial da Fundação de Arte – Figura 14. (ARCHDAILY, 2015)

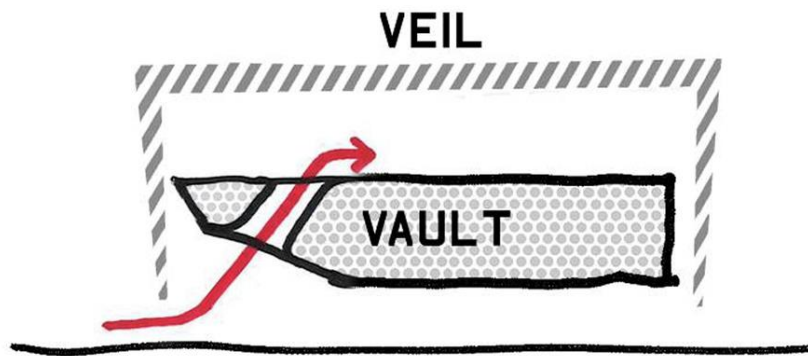
Figura 14 - Museu The Broad



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/773021/museu-the-broad-diller-scofidio-plus-renfro>

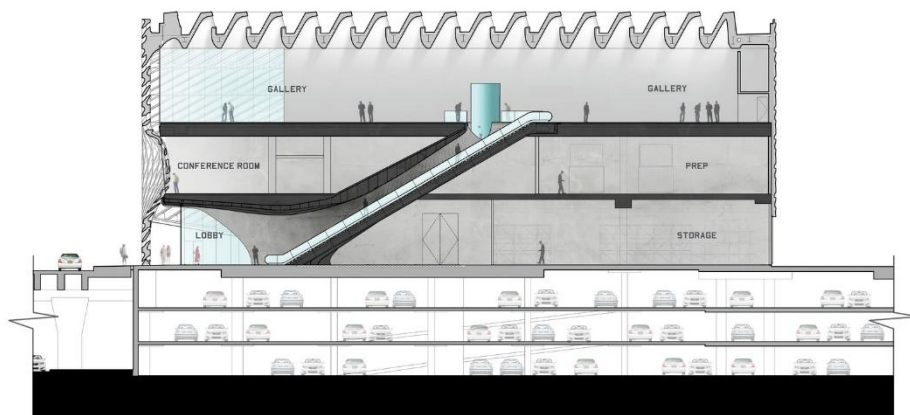
Basicamente, o interior da edificação, chamado de “cofre” é envolvido pelo "véu". Essa estrutura é formada por uma cobertura porosa que fornece iluminação natural filtrada ao interior do edifício. Esse "véu" do museu ergue-se nos cantos da edificação levando os visitantes ao hall de entrada por onde o público é levado para os pavimentos superiores banhada por iluminação difusa através de escadas rolantes – Figuras 15 e 16. (ARCHDAILY, 2015)

Figura 15 - Museu The Broad



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/773021/museu-the-broad-diller-scofidio-plus-renfro>

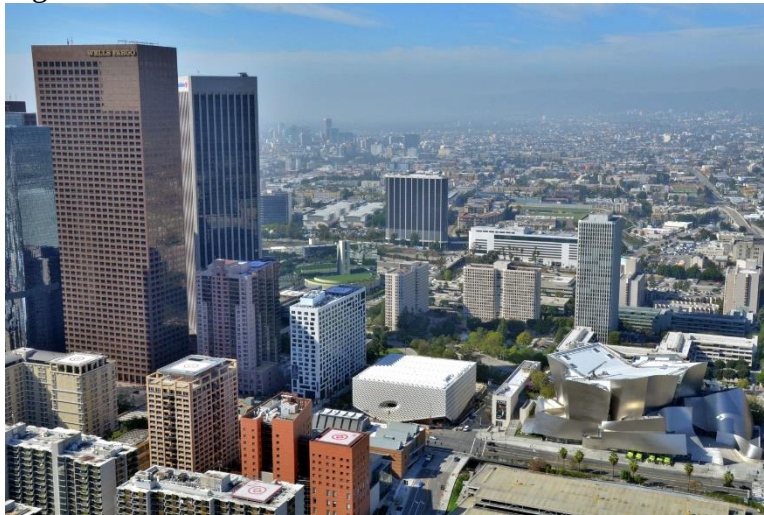
Figura 16 - Museu The Broad



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/773021/museu-the-broad-diller-scofidio-plus-renfro>

O programa de necessidades proposto inclui ainda comodidades ao público como praça pública, restaurante, faixa de pedestres conectando o museu com a MOCA e a Escola Colburn, além de outras requalificações da paisagem urbana. O bosque da praça com oliveiras centenárias e grama conformam espaços para piqueniques ao ar livre, filmes, performances e eventos educativos. Os pedestres poderão utilizar as escadas largas e um elevador na praça para acesso à Rua Hope, assim como para a estação de metrô – Figura 17. (ARCHDAILY, 2015)

Figura 17 - Museu The Broad



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/773021/museu-the-broad-diller-scofidio-plus-renfro>

4.3.2 ASPECTOS TECNOLÓGICOS

O projeto almeja a certificação LEED Prata. Para isso conta com estações de carregamento de carros elétricos, espaços de estacionamento de bicicletas, drenos do telhado direcionados para jardins que filtram a água pluvial, encanamentos de alta eficiência que ajudam a reduzir o uso de água em 40%. Além disso, com o fácil acesso ao transporte público, à uma nova estação de metrô na esquina das Ruas 2 e Hope, o projeto busca um lugar de destaque na lista de museus eco conscientes e eficientes. (ARCHDAILY, 2015)

4.4 COLINAS CIENTÍFICAS DE KOMATSU

Os arquitetos Mari Ito e UAo vencedores do concurso, são responsáveis pelo projeto do complexo de museu e centro de comunicação na cidade de Komatsu, Ishikawa – Figura 18. A cidade possui grande herança industrial voltada a manufatura, e uma das solicitações era de que essa herança fosse mantida, além de manter o interesse das crianças pela área proposta para o projeto. (ARCHDAILY, 2014)

Figura 18 - Colinas Científicas da Komatsu



Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/758561/colinas-cientificas-de-komatsu-mari-ito-plus-uao?ad_medium=widget&ad_name=recommendation

4.4.1 ASPECTOS FUNCIONAIS

A proposta projetual consiste em quatro ondas ao nível térreo que se misturam aos edifícios baixos de seu entorno, possuindo como principal conceito de desenho a torção 3D das ondas. O Museu da Ciência está localizado abaixo das curvas e é formado por um teatro 3D, centro de promoção industrial local, centro de aprendizagem científica e centro de incubação de novas tecnologias – Figura 19 (ARCHDAILY, 2014)

Figura 19 - Colinas Científicas da Komatsu



Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/758561/colinas-cientificas-de-komatsu-mari-ito-plus-uao?ad_medium=widget&ad_name=recommendation

4.4.2 ASPECTOS TECNOLÓGICOS

Sua cobertura forma terraços ondulados, os quais são cobertos por jardins com o intuito de melhorar a eficiência térmica e para integrar a arquitetura com a paisagem. Além de possuir a função sócia como um jardim público que pode ser utilizado pela população, onde se pode passear livremente dentro e fora das ondas e observar as exposições sob diferentes pontos de vista. A cobertura curva também controla a luz e direciona a água da chuva para um reservatório, que é utilizado no plantio e irrigação do jardim – Figura 20 (ARCHDAILY, 2014)

Figura 20 - Colinas Científicas da Komatsu



Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/758561/colinas-cientificas-de-komatsu-mari-ito-plus-uao?ad_medium=widget&ad_name=recommendation

4.5 DIRETRIZES

Nas diretrizes será apresentada as aplicações do tema delimitado. O terreno a ser implantado o projeto, as leis, o programa de necessidades e o partido arquitetônico da obra.

4.5.1 ÁREA DE INTERVENÇÃO

O terreno escolhido para o projeto de Parque Cultural: Um Novo Conceito de Museu para a Cidade de Cascavel, está localizado na região do Lago.

Será utilizado dois terrenos, conforme mostra no mapa.

Lote: 002P Quadra: 0002 Área do Lote(m²): 72600.0 – Figura 21

Lote: 243G Quadra: 243G Área do Lote(m²): 2476.9 - Figura 22

Totalizando uma área de 75.076,90 m² - Figura 23

A rua principal, onde serão os acessos para estacionamento, carga e descarga e pedestres é Avenida Rocha Pombo. (GEO PORTAL CASCAVEL, 2017)

Figura 21

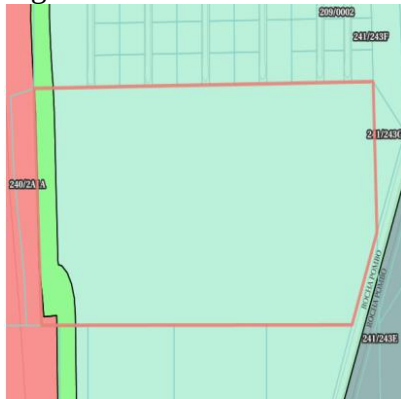


Figura 22



Fonte: <http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br>

Figura 23



Fonte: <http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br:10080/geo-view/faces/sistema/geo.xhtml>

O terreno foi escolhido por fazer divisa com o Lago Municipal, está inserido em uma região que tem atrativos culturais. O terreno possui um desnível de 35 metros, o qual abre uma ampla visão para o entorno da cidade, e para o lago – Figuras 24, 25 e 26

Figura 24 - Imagem real do terreno



Fonte: Juliana Zanolla

Figura 25 - Imagem real do terreno



Fonte: Juliana Zanolla

Figura 26 - Imagem real do terreno

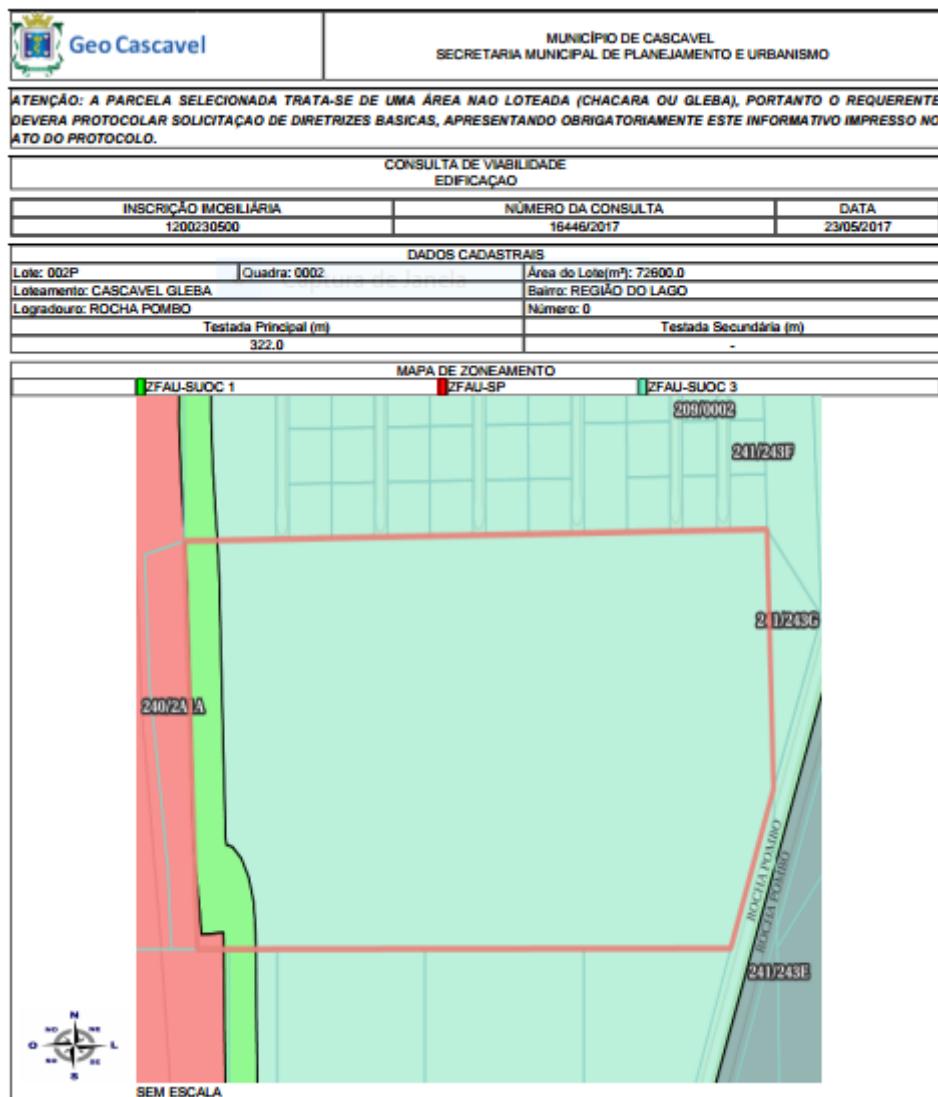


Fonte: Juliana Zanolla

4.5.2 LEGISLAÇÃO

Através de consulta realizada pelo Geo Portal Cascavel, de acordo com uso de ocupação do Solo, as figuras 27, 28, 29, 30 mostram as leis que são exigidas para que seja realizado construção no terreno.

Figura 27 – Leis Terreno 01

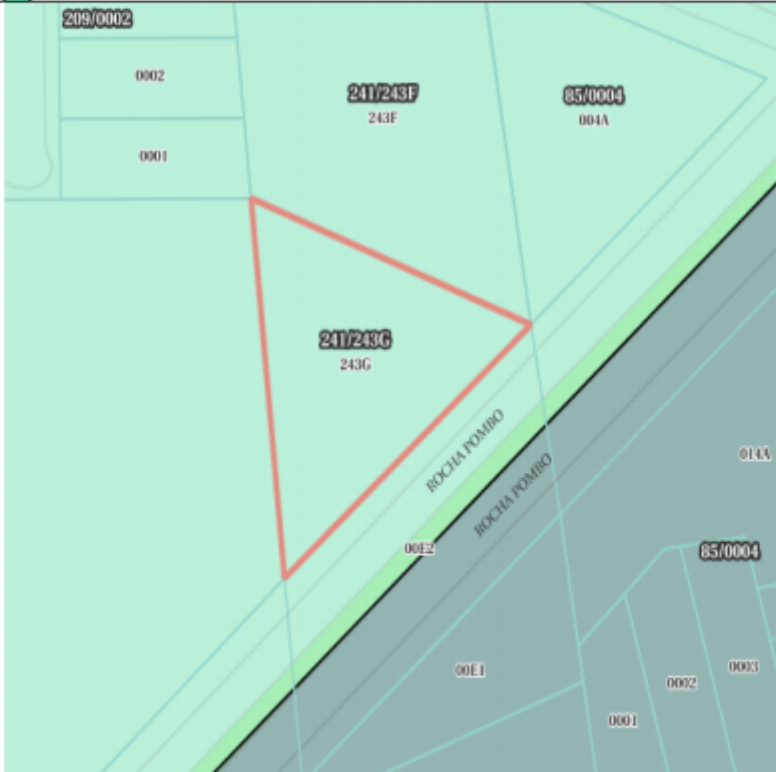


Fonte: GEO PORTAL CASCAVEL

Figura 28 – Leis Terreno 01

INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA			NÚMERO DA CONSULTA		DATA	
1200230500			18446/2017		23/05/2017	
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO						
-	Zona	Área (%)	Área (m²)	T.O. Máx. (%)	TP. Min. (%)	
	ZFAU-SUOC 1	6,26	4544,7600	50	40	
	ZFAU-SP	0,31	225,0600	0	95 (*14)	
	ZFAU-SUOC 3	93,43	67830,1800	50	40	
-	Zona	R. Fron. Min. (m)	C.A. Min.	C.A. Bas	C.A. Máx.	Atividades Permitidas
	ZFAU-SUOC 1	3 (*4) (*13) (*20)	0 (*1)	1	1 (*2)	(II) - [NR5, NR6, R2, R3, R1, NR1, NR2]
	ZFAU-SP	- (*4)	0 (*1)	0 (*99)	0 (*2)	(II) - [NR5, Equipamentos Públicos e Serviços de Paisagismo]
	ZFAU-SUOC 3	3 (*4) (*13) (*20)	0 (*1)	1	1 (*2)	(II) - [NR5, NR6, R2, R3, R1, NR1, NR2]
-	Zona	Altura Máx. (m)	R. Lat/Fun.Min. (h/v)	Quota Min./Eco. (m²)	Quota Min./Res. (m²)	
	ZFAU-SUOC 1	- (*3)	h/12 (*5)	-	300 (*7)	
	ZFAU-SP	- (*3)	- (*5)	-	- (*7)	
	ZFAU-SUOC 3	- (*3)	h/12 (*5)	-	200 (*7)	
OBSERVAÇÕES						
(II) - Conforme Tabela 2 do Anexo II da Lei de Uso do Solo						
(*1) - Não será exigido o atendimento ao Coeficiente de Aproveitamento Mínimo para fins de licenciamento de edificações junto ao Município, sendo sua aplicação relacionada ao Art. 12 do Plano Diretor e à lei municipal específica que trata dos Instrumentos da Política Urbana. (*2) - O Coeficiente de Aproveitamento Máximo é aplicável mediante a utilização do instrumento da Outorga Onerosa do Direito de Construir, exceto nos casos regulamentados nesta e na lei específica. (*3) - Respeitado o disposto no Art. 36, parágrafo único desta lei. "Art. 36: A altura das edificações não constitui característica homogênea de determinada Zona e varia segundo a ocorrência dos Parâmetros de ocupação do lote, especialmente para controle das condições de salubridade no meio urbano, respeitada a relação entre afastamento das divisas e a altura da edificação." Parágrafo Único: A altura máxima da edificação deverá obedecer a legislação pertinente referente ao plano da zona de proteção dos Aeródromos. (*4) - Poderá ser exigido Recuo Frontal Mínimo diferenciado quando necessário para ajustar as dimensões das vias marginais, arteriais e coletoras em conformidade com o Plano Municipal Viário e de Transportes. Em todos os casos atender limite de áreas não edificáveis definidos na lei de Parcelamento do Solo. (*5) - Independentemente da existência de aberturas para iluminação e ventilação nas paredes externas da edificação, é obrigatório o recuo lateral estabelecido, o qual respeitará o limite mínimo de 1,5 metros e não será exigido até a altura de 7,5 metros contados a partir do nível do terreno circundante, ressalvadas as disposições do Código de Obras do Município. (*6) - Havendo ponto de estrangulamento no lote, deverá permitir passagem com largura mínima igual ou superior a 2/3 da Testada Mínima. (*7) - A fração obtida no cálculo do número de economias em função da Quota Mínima será arredondada para maior quando o resultado for igual ou superior a 0,6. (*14) - Em conformidade com a legislação ambiental. (*99) - Atender a lei federal nº 12.651/2012 - Quanto a largura mínima de 30 metros dos cursos d'água e 50 metros de raio das nascentes das áreas de preservação permanente conforme específica a lei. (*13) - Nos imóveis limítrofes à rodovia, Recuo Frontal Mínimo igual a 5,0 metros, e será medido a partir do limite regulamentar da faixa de domínio. Em todos os casos atender o limite de áreas não edificáveis definidos na lei de Parcelamento do Solo. (*20) - Além do recuo mínimo exigido em cada zona, a edificação deverá respeitar recuo mínimo de h/6 medido desde o centro da calha da rua, sendo permitido escalonamento dos volumes.						
ATENÇÃO:						
Formulário informativo para elaboração de projeto. Não dá direito de construir. A manifestação da SEPLAN restringe-se a análise da Lei Municipal de Uso do Solo nº 6.696/2017, havendo alteração desta, a presente consulta estará automaticamente cancelada. Em caso de dúvidas ou divergência nas informações impressas, valem as informações atualizadas do Lote, bem como a Legislação vigente. Nos lotes atingidos parcialmente pela Zona de Fragilidade Ambiental Urbana - Subzona de Proteção, poderá ser computado para o cálculo do C.A. Bás. a área total do imóvel, devendo a edificação ser implantada totalmente dentro da zona edificável do lote. Início da obra somente após a expedição do Alvará de Construção. O estabelecimento deve atender as normas de acessibilidade, conforme disposto no art. 11, do Decreto Federal 5.296/2004 em conformidade com a NBR 9050/2015. O deferimento da consulta não concede o uso da propriedade e o direito de iniciar as atividades sem o devido alvará de estabelecimento. Em caso de Condomínio Edifício acima de 20 unidades, o interessado deverá protocolar solicitação de diretrizes básicas. As calçadas devem atender o disposto na Lei Municipal nº 5774/2011 - Programa: 'CALÇADAS DE CASCAVEL'. As vagas de estacionamento deverão ser atendidas conforme anexo IV da Lei Municipal de Uso do Solo nº 6.696/2017. Para Consulta de Edificação de lotes que não constam no GeoCascavel, entrar em contato com a Secretaria de Planejamento e Urbanismo.						

Fonte: GEO PORTAL CASCAVEL

 Geo Cascavel	MUNICÍPIO DE CASCAVEL SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E URBANISMO	
ATENÇÃO: A PARCELA SELECIONADA TRATA-SE DE UMA ÁREA NAO LOTEADA (CHACARA OU GLEBA), PORTANTO O REQUERENTE DEVERA PROTOCOLAR SOLICITAÇÃO DE DIRETRIZES BASICAS, APRESENTANDO OBRIGATORIAMENTE ESTE INFORMATIVO IMPRESSO NO ATTO DO PROTOCOLO.		
CONSULTA DE VIABILIDADE EDIFICAÇÃO		
INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA 1201303500	NÚMERO DA CONSULTA 16449/2017	DATA 23/06/2017
DADOS CADASTRAIS		
Lote: 243G	Quadra: 243G	Área do Lote(m²): 2476.9
Loteamento: 11 S.F.OU LOPEI		Bairro: REGIAO DO LAGO
Logradouro: ROCHA POMBO		Número: 1662
Testada Principal (m) 75.58		Testada Secundária (m) -
MAPA DE ZONEAMENTO		
ZFAU-SUOC 3 		
 SEM ESCALA		

47

Figura 30 – Leis Terreno 02

INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA		NÚMERO DA CONSULTA			DATA	
1201303500		16449/2017			23/05/2017	
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO						
-	Zona	Área (%)	Área (m²)	T.O. Máx. (%)		TP. Min. (%)
	ZFAU-SUOC 3	100.00	2476.9001	50		40
-	Zona	R. Fron. Min. (m)	C.A. Min.	C.A. Bas	C.A. Máx.	Atividades Permitidas
	ZFAU-SUOC 3	3 (*4) (*13) (*20)	0 (*1)	1	1 (*2)	(II) - [NR5, NR6, R2, R3, R1, NR1, NR2]
-	Zona	Altura Máx. (m)	R. Lat/Fun.Min. (h/x)		Quota Min./Eco. (m²)	Quota Min./Res. (m²)
	ZFAU-SUOC 3	• (*3)	h/12 (*5)		•	200 (*7)
OBSERVAÇÕES						
(II) - Conforme Tabela 2 do Anexo II da Lei de Uso do Solo						
(*1) - Não será exigido o atendimento ao Coeficiente de Aproveitamento Mínimo para fins de licenciamento de edificações junto ao Município, sendo sua aplicação relacionada ao Art. 12 do Plano Diretor e à lei municipal específica que trata dos Instrumentos da Política Urbana. (*2) - O Coeficiente de Aproveitamento Máximo é aplicável mediante a utilização do instrumento da Outorga Onerosa do Direito de Construir, exceto nos casos regulamentados nesta e na lei específica. (*3) - Respeitado o disposto no Art. 36, parágrafo único desta lei. "Art. 36: A altura das edificações não constitui característica homogênea de determinada Zona e varia segundo a ocorrência dos Parâmetros de ocupação do lote, especialmente para controle das condições de salubridade no meio urbano, respeitada a relação entre afastamento das divisas e a altura da edificação." Parágrafo Único: A altura máxima da edificação deverá obedecer a legislação pertinente referente ao plano da zona de proteção dos Aeródromos. (*4) - Poderá ser exigido Recuo Frontal Mínimo diferenciado quando necessário para ajustar as dimensões das vias marginais, arteriais e coletoras em conformidade com o Plano Municipal Viário e de Transportes. Em todos os casos atender limite de áreas não edificáveis definidos na lei de Parcelamento do Solo. (*5) - Independentemente da existência de aberturas para iluminação e ventilação nas paredes externas da edificação, é obrigatório o recuo lateral estabelecido, o qual respeitará o limite mínimo de 1,5 metros e não será exigido até a altura de 7,5 metros contados a partir do nível do terreno circundante, ressalvadas as disposições do Código de Obras do Município. (*6) - Havendo ponto de estrangulamento no lote, deverá permitir passagem com largura mínima igual ou superior a 2/3 da Testada Mínima. (*7) - A fração obtida no cálculo do número de economias em função da Quota Mínima será arredondada para maior quando o resultado for igual ou superior a 0,5. (*13) - Nos imóveis lineares à rodovia, Recuo Frontal Mínimo igual a 5,0 metros, e será medido a partir do limite regulamentar da faixa de domínio. Em todos os casos atender o limite de áreas não edificáveis definidos na lei de Parcelamento do Solo. (*20) - Além do recuo mínimo exigido em cada zona, a edificação deverá respeitar recuo mínimo de h/6 medido desde o centro da calha da rua, sendo permitido escalonamento dos volumes.						
ATENÇÃO:						
Formulário informativo para elaboração de projeto. Não dá direito de construir.						
A manifestação da SEPLAN restringe-se à análise da Lei Municipal de Uso do Solo nº 6.696/2017, havendo alteração desta, a presente consulta estará automaticamente cancelada.						
Em caso de dúvidas ou divergência nas informações impressas, valem as informações atualizadas do Lote, bem como a Legislação vigente.						
Nos lotes atingidos parcialmente pela Zona de Fragilidade Ambiental Urbana - Subzona de Proteção, poderá ser computado para o cálculo do C.A. Bás. a área total do imóvel, devendo a edificação ser implantada totalmente dentro da zona edificável do lote.						
Início da obra somente após a expedição do Alvará de Construção. O estabelecimento deve atender as normas de acessibilidade, conforme disposto no art. 11, do Decreto Federal 5.296/2004 em conformidade com a NBR 9050/2015. O deferimento da consulta não concede o uso da propriedade e o direito de iniciar as atividades sem o devido alvará de estabelecimento.						
Em caso de Condomínio Edifício acima de 20 unidades, o interessado deverá protocolar solicitação de diretrizes básicas.						
As calçadas devem atender o disposto na Lei Municipal nº 5774/2011 - Programa: 'CALÇADAS DE CASCAVEL'.						
As vagas de estacionamento deverão ser atendidas conforme anexo IV da Lei Municipal de Uso do Solo nº 6.696/2017. Para Consulta de Edificação de lotes que não constam no GeoCascavel, entrar em contato com a Secretaria de Planejamento e Urbanismo.						

Fonte: GEO PORTAL CASCAVEL

4.5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Áreas abertas:

Estacionamento:

- Para funcionários - 20 vagas
- Para o público - 100 vagas
- Ônibus para excursão - 05 vagas

Praças

Locais de contemplação

Mirante

Cinema a céu aberto

Concha Acústica

Marquise para eventos artísticos e culturais

Áreas fechadas:

- Para funcionários - 20 vagas
- Para o público - 100 vagas
- Ônibus para excursão - 05 vagas

Praças

Locais de contemplação

Mirante

Cinema a céu aberto

Concha Acústica

Marquise para eventos artísticos e culturais

Áreas fechadas:

Ambiente	Área em m²	Área Total
Restaurante	300	300 m²
Café	150	150 m²
02 Espaço para Crianças	200	400 m²
Sala de Cinema	150	150 m²
02 Lojas	50	100 m²
Biblioteca	150	150 m²
5 Galerias Fixas	400	1600 m²
10 Galerias Itinerantes	400	4000 m²
4 Galerias para Escultura	500	2000 m²
2 Galerias para Mídia	500	1000 m²
10 Ateliês	50	500 m²

02 Auditórios	400	800 m ²
Administração	400	400 m ²
ÁREA TOTAL		11.700 m ²

4.5.4 PARTIDO ARQUITETÔNICO

O partido arquitetônico proposto para o projeto de Parque Cultural: Um Novo Conceito de Museu para a Cidade de Cascavel/PR se deu através de uma pedra batendo na água. – Figura 31

Quando uma pedra toca na água calma e límpida, ela forma ondulações que se abrem até sumirem no infinito.

Assim será trabalhado o conceito do Museu no Parque Cultural, formas curvas se abrindo, proporcionando uma ampla visão para o lago e para o entorno da cidade.

Projeto conta com formas curvas, seguindo um estilo contemporâneo, e fazendo integração com a natureza. Uma obra que convida o observador a entrar e admirar.

“Agora é centro do movimento. A qualquer momento pode transbordar. Quando a pedra caiu na água. Quando o espelho foi ao chão. Quem estava ao teu lado? Quem estava com a razão?” (HUMBERTO GESSINGER)

Figura 31 – Pedra batendo na água



Fonte: <http://saladaautomacao.com.br>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou contribuir com informações referentes a projetos arquitetônicos que forneçam bases para o projeto de Parque Cultural: Um Novo Conceito de Museu para a Cidade de Cascavel, a fim de melhorar e implantar um novo conceito de turismo na região, ligando com a cultura. Sabe-se da importância de resgatar a história, passando a de geração para geração, e a melhor maneira de que isso ocorra é a implantação de um museu. O Parque Cultural busca proporcionar momentos de lazer e conforto para a população, onde possam ter contato com a natureza, mesmo no meio urbano. Foram utilizadas pesquisas bibliográficas referentes ao tema, a fim de agregar conhecimento e técnicas ao projeto. O embasamento teórico buscou assuntos sobre Museu, Parques Culturais, e a história da Cidade de Cascavel/PR. Assim, todo o material utilizado no presente trabalho serviu de base para a escolha do terreno, a elaboração do programa de necessidades e a formação do partido arquitetônico.

6 REFERÊNCIAS

ACIOLY, C. & DAVISON, F. **Densidade Urbana Rio de Janeiro** 1998

ARCHDAILY. **BIG é selecionado para desenhar o Museu do Corpo Humano na França**. 2013. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-157029/big-e-selecionado-para-desenhar-o-museu-do-corpo-humano-na-franca>

ARCHDAILY. **BIG projeta um museu em espiral para relojoaria Audemars Piguet**. 2014. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/622719/big-projeta-um-museu-em-espiral-para-relojoaria-audemars-piguet>

ARCHDAILY. **Colinas Científicas de Komatsu / Mari Ito + UAO**. 2013. Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/758561/colinas-cientificas-de-komatsu-mari-ito-plus-uao?ad_medium=widget&ad_name=recommendation

ARCHDAILY. **Museu The Broad / Diller Scofidio + Renfro**. 2015. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/773021/museu-the-broad-diller-scofidio-plus-renfro>

ARHEIM, R. **Arte & Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora**: Pioneira São Paulo, 2000.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª edição, São Paulo, Perspectiva, 2010.

CARDOSO, Silvia Laura Costa. **Gestão ambiental de parques urbanos: o caso do Parque Ecológico do Município de Belém** Gunnar Vingren. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/urbe/v7n1/2175-3369-urbe-7-1-0074.pdf>

CHING, Francis D. K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem**. São Paulo 1999

COLIN, Silvio. **Uma Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2000.

CULLEN, G. **A paisagem urbana**. Lisboa, Edições 70, 1971

DIAS, Caio Smolarek **um espaço no tempo, a história do planejamento urbano Cascavel** 2005

FAG, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel: FAG, 2016.

FARRET, Ricardo L. et al. **O espaço da cidade** contribuição à análise urbana. São Paulo: Projeto ,1985.

FAYGA, Ostrower. **Universo da arte movimento visual**. São Paulo,2001.

FROTA, Anésia B; SCHIFFER, Sueli R. **Manual de conforto térmico: arquitetura, urbanismo**. 5. Ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

GEO PORTAL. Disponível em: <http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br:10080/geoview/faces/sistema/geo.xhtml>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, José Henrique Castilho. **Museu, um Patrimônio do Turismo**. 2003. Disponível em: <http://www.setur.ufop.br/artigo05.pdf>

LAMAS, José Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

MIRANDA, Benedito – **O parque e a arquitetura: Uma proposta lúdica** - 2ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NEUFERT **Arte de projetar em Arquitetura** São Paulo, 2004

SCAPIN, Aline. **Conforto Ambiental II**, Iluminação, Santa Maria, 2007. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lasac/Caderno%20-%20Conforto%20II.pdf>

SIQUEIRA, Vera Lucia de Azevedo. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, 2007. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/vera.pdf>

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e Museus**. São Paulo: Aleph, 2006. (Coleção ABC do Turismo);

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de Paisagismo** Porto Alegre 2010

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.